

IDENTIDADE NORTE MINEIRA:

Assuntando sua Especificidade Regional nos Estudos de Nação

Realizo uma leitura de identidade regional à luz de alguns autores que discutem a idéia de nação, a partir de pontos de vistas diferenciados. Quando discute a existência de uma rede de textualidade que cria um imaginário entre muitos, Benedict Anderson (1989) afirma que cada indivíduo pode saber-se e sentir-se parte de uma totalidade social. Por outro lado, Etienne Balibar (1989) afirma que são as instituições do Estado que tomam possível a construção de uma consciência nacional a partir da geração da nação por si mesma, viabilizando parecer que a consciência emergida a partir da ação pedagógica dessas instituições é “natural” e não uma construção ideológica. Para Homi Bhabha (1990), neste modelo de nação instituída por pluralidades, ela é dessencializada, constituída por um abismo interior que a mostra esvaziada de si e sem conter os múltiplos sujeitos contrastantes que existem em seu mapa de poder. Rita Segatto² argumenta que a unidade nacional como resultado do ideário de elites emblematiza realidades culturais das minorias para construir o sujeito nacional emergido historicamente como sujeito discursivo.

Para dialogar com esses autores, lanço mão dos discursos sobre a identidade norte mineira, que se conflitam e, às

vezes, se unificam. Havendo entre estes discursos a não emblematização de realidades culturais locais vinculadas às minorias que compõem uma população plural vivenciando diferentes tradições culturais, enquanto para as elites regionais o conteúdo discursivo se vincula ao que, em seu ideário, chama de povo. O norte de Minas é uma região com formação social, cultural e histórica específica, tendo na atividade pastoril a base a partir da qual essas múltiplas populações construíram suas culturas específicas. Em momentos distintos da historicidade regional e com racionalidades diferenciadas, indígenas, quilombolas, paulistas, nordestinos, mineiros, europeus – imigrantes e missionários – desenvolvimentistas e o agrobusiness conformaram e conformam uma realidade social e cultural singular, conforme discutido anteriormente (Costa, 2006a). Composta por noventa e dois municípios, como parte do Estado de Minas Gerais, a região limita-se a nordeste com o curso do rio Jequitinhonha, a nortenordeste com a Bahia, a noroeste com Goiás e Distrito Federal e a sudoeste-sul-sudeste com a região central do Estado, com uma população total aproximada de dois milhões de pessoas. Economicamente a vida regional é desenvolvida pela conjugação de atividades rurais, mineradora, extrativista e industrial e vivida por meio de uma rede urbana que tem em Montes Claros como a cidade

1- Professor de Antropologia da Universidade Estadual de Montes Claros e membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social.

2- A argumentação de Rita Laura Segatto foi apresentada durante as aulas da disciplina Tópicos Especiais em Antropologia das Sociedades Complexas: Multiculturalismo – Nacionalismo, Cidadania e Cultura, no PPGAS da

Universidade de Brasília em 1997. Nesta disciplina procurou-se confrontar o multiculturalismo, cuja forma tem sua construção nos Estados Unidos, com outras possibilidades de países latino-americanos, especificamente a Argentina e o Brasil. A primeira versão deste artigo foi apresentada como trabalho de final de curso. Agradeço as sugestões da professora Rita Segatto.

polarizadora de serviços especializados (educação, saúde, mídia, administração estadual, etc.) e por diversas cidades que micro-regionalmente polarizam a vida das populações de suas cercanias, como Bocaiúva, Pirapora, Januária, Salinas e Janaúba. Há que destacar a emergência da cidade de Jaíba como pólo micro-regional.

A identidade regional

A identidade é considerada pelos teóricos que se dedicam a entendê-la como resultante de uma ação voluntária de identificação a partir da utilização de aspectos culturais, considerados por Barth (1969) como organização política para definição étnica, por meio dos quais um grupo se diferencia de outros grupos, sendo, assim, ao mesmo tempo afirmativa e contrastiva. É na relação com o outro que alguém ou algum grupo social se torna identificado por si e pelo outro. O território regional categorizado como sertão assume no pensamento social brasileiro o sentido de barbárie, de deserto e de ausência de civilização em contraponto a litoral, lugar de civilização (Schettino, 1995). Ao ser povoado pelos colonos portugueses vindos das Capitanias de São Paulo e do Nordeste (Costa, 2006), esse mesmo território propiciou o estabelecimento de uma organização produtiva baseada na criação de gado, que forneceu animais para transporte e gêneros alimentícios (grãos, carne, peixe e produtos transformados) para o abastecimento da região mineradora no sertão dos Cataguá.

O sertão são-franciscano, que esteve vinculado às Capitanias da Bahia e de Pernambuco, ao ser ocupado com fazendas, foi denominado como currais da Bahia, na margem esquerda do rio São Francisco e currais de Pernambuco na margem direita do mesmo rio. No princípio de sua estruturação, as lideranças regionais, chamadas de potentados, confrontaram-se com a administração colonial da coroa portuguesa ao recusarem pagar tributos sobre os produtos comercializados com a área aurífera. Vencidos em conflitos conhecidos como guerra dos emboabas e, posteriormente, conjuração sanfranciscana³, os homens do sertão norte mineiro passaram a estabelecer relações internas com a organização sócio-econômica regional e externa, preferencialmente, com o Nordeste e com o Centro-Oeste brasileiros (Mata Machado, 1991). Essas novas relações e a diminuição do contato com a região mineradora propiciaram aos estudiosos da realidade mineira afirmar o isolamento regional.

3- Na documentação colonial e, também, na historiografia mineira este conflito é denominado como motins do sertão. A denominação utilizada no corpo do texto é cunhada por historiadores norte mineiros.

A organização política regional, desde seus primórdios, foi viabilizada pela articulação de relações internas às vilas, depois municípios, baseadas nos vínculos parentais e de compadrio, conformando o mandonismo local, que vem sendo considerado o modo típico de organização da vida política brasileira⁴. O poder local se assentou em torno da figura de uma liderança, que no período imperial e início do republicano foi denominado como coronel, que comandava os destinos da vida local. Muitas vezes ocorriam conflitos internos a cada município por haverem grupos aglutinados em torno de diversas lideranças familiares, como os lioba e os gabioba de Porteirinha, por exemplo.

Retornando à questão da identidade, podemos afirmar que nesse período a identidade regional é vista como fragmentada por estar vinculada, por um lado, às elites regionais que se articulam em alianças micro-regionais, apesar da existência de uma entidade que procura representar os municípios norte mineiros em seu conjunto. Por outro lado, há a conformação de uma totalidade, ou seja, o conteúdo identitário encontra-se fundeado nas referências culturais, para além da realidade cultural de cada localidade, pois o que expressa a identidade norte mineira remete a uma realidade que é comum a todos os municípios e a toda a população regional. De outra forma, devido ao faccionalismo local, podemos afirmar que a fragmentação é constituída a partir das estruturas políticas municipais que são articuladas para defender interesses de famílias no poder, mas devido à realidade cultural compartilhada, a totalidade se expressa pelas referências culturais nascidas de uma organização produtiva estruturada em bases comuns, ou seja, a agricultura e a pecuária articuladas a outras atividades produtivas de acordo com as realidades municipais (Costa, 1997).

Com o aprofundamento das relações capitalistas de produção, sob a égide do capital nacional articulado com o capital internacional, na perspectiva da teoria da dependência, a organização produtiva regional passa por uma desarticulação em sua forma e as elites levantam a bandeira de criação de uma nova unidade estadual⁵. No momento hodierno processa-se no Congresso Nacional a tentativa de criação de uma nova unidade estadual. Nesses dois momentos, as elites regionais buscam alianças com os governantes mineiros, negando a identidade historicamente construída (Cardoso, 1996). Desde esse período, ou seja, as décadas de 1960 e 1970, constrói-se uma identidade de pobreza regional baseada no discurso de que a região é

4- Nesse sentido, Maria Isaura Pereira de Queiroz (1976) estudando o mandonismo local afirma que este se organizava por meio de relações de parentes e compadrio que propiciaram a formação de uma parentela por parte de cada chefe local.

pobre, atrasada e que os emblemas do período anterior devem ser abandonados. Nesse sentido, destrói-se parte do patrimônio arquitetônico como símbolo da destruição do patrimônio cultural. As manifestações vinculadas às populações passam a ser consideradas símbolos dessa identidade que as elites recusam e passam a ser desprestigiadas pela retirada de apoio de diversas famílias em suas realizações como as festas de agosto em Montes Claros⁵. Mas essa é uma realidade recorrente em todas as sociedades municipais norte mineiras. Em cada sociedade local, as festividades baseadas em culto aos santos que, ritualmente, evidenciava as articulações entre as camadas sociais de cada municipalidade se aglutinavam para festejarem-se a si mesmas⁶. A marca política desse período é o papel assumido pelas elites como representantes dos “pobres” da região e que passam a se utilizar das benesses estatais destinadas às regiões de populações empobrecidas (Carneiro, 1992).

A comunidade imaginada

Ao cotejar a questão da identidade regional nos estudos sobre nação, Benedict Anderson se apresenta como um instrumento analítico extremamente útil. Para ele, a nação é vista como sendo “uma comunidade política imaginada – e imaginada como implicitamente limitada e soberana” (1989: 14, grifos no original). Ela é comunidade pela concepção de companheirismo profundo e horizontal que cria fraternidade entre seus membros, desconsideradas as desigualdades e as explorações nelas prevaletentes. É imaginada porque há uma comunhão entre seus membros, que jamais se conhecerão face a face ou por ouvirem falar um do outro enquanto ser individual. É limitada devido à existência de fronteiras além das quais existem outras nações. É soberana por vincular-se à liberdade, cujo penhor e símbolo é o Estado soberano.

Para o autor, “o que tornou imagináveis as novas comunidades foi uma interação de produção e de relações produtivas (capitalismo), uma tecnologia de comunicações (a imprensa) e a fatalidade da diversidade lingüística do homem” (op. cit, 52). No caso de sua argumentação, a tecnologia de comunicações – a imprensa escrita – criou campos unificados de intercâmbio e comunicação, em que centenas de milhares de pessoas tornaram-se processualmente conscientes do pertencimento a um mesmo campo unificado lingüístico, mesmo com os indivíduos não se conhecendo entre si. Esse sentimento de pertença formado “em sua visível invisibilidade secular e peculiar, o embrião da comunidade nacionalmente imaginada” (op. cit., 54), forma a morfologia básica de uma totalidade simbólica.

Dado que qualquer região é parte de uma nação, ou seja,

uma parte de um todo, creio poder trabalhar a leitura sobre a realidade simbólica regional pelo mesmo instrumental analítico cunhado para dar conta da realidade nacional. Há que considerar que, apesar do caso paradigmático da França, que constituiu uma totalidade simbólica pelo apagamento de suas partes (NORA, 1997), o caso do Brasil, como já demonstrou Diegues Júnior (1960), o todo retirou referências culturais de diversas partes para compor-se como totalidade simbólica⁷, sendo a totalidade unificada em seu simbolismo, as partes estão a elas subsumidas, naquela perspectiva que Louis Dumont (1992) chamou de englobamento do contrário.

Diferentemente de Anderson (1989) afirmo que a comunidade imaginada norte mineira não se formou pela interação entre produção e relações produtivas, por tecnologia de comunicação e pela lingüística, mas pelas relações de parentesco e compadrio que articularam, na historicidade regional, membros de uma mesma parentela em diversas localidades do território norte mineiro. E, através do fenômeno do cunhadismo (Ribeiro, 1995) e do compadrio, outras famílias foram sendo incorporadas nas tramas do parentesco que como uma rede, recobriu todo o território regional. É a partir dessas tramas e dessa rede que se processou ao longo da história regional o sentimento de regionalidade tão caro a todo norte mineiro. Este, fora de sua região, afirma-se primeiro como um ser regional para depois afirmar sua localidade. As raízes desse sentimento, creio, podem ser explicadas por dois momentos cruciais, na fundação um mesmo grupo – a bandeira de Mathias Cardoso de Almeida – se espalha pelo território e mantém entre si relações de solidariedade e reciprocidade. Isso sem falar nos índios e negros que aqui persistiram⁸. E depois pelo estabelecimento de redes de parentes das famílias que recobriam áreas micro-regionais e que no conjunto permitiam às pessoas verem-se sempre, impreterivelmente, como parte de uma realidade maior: a nossa realidade do Norte de Minas, conforme descrito em Anjos (1963) e em Lisboa e Lisboa (1992). Hodiernamente, a mídia regional tem contribuído para a reafirmação da consciência do sentimento de comunidade norte mineira, bem como o Movimento Catrumano, que tem procurado articular material e simbolicamente um novo momento para a afirmação da comunidade regional (Costa, 2007).

Os simbolismos construídos discursivamente e que constroem a realidade identitária regional podem ser lidos a partir de diversos aspectos. Na literatura de Guimarães Rosa (1986) a emergência do sujeito regional, como uma construção realizada por coronéis e jagunços em lutas opondo um grupo ao outro, ou com a força policial para a manutenção do status quo, foi liderada por Joca Ramiro,

5- Esta é uma estratégia recorrente na história regional. O norte mineiro sente-se desconfortado em estar subsumido a uma realidade política que sempre o manteve à margem do poder político e simbólico, centralizado em outras regiões mineiras.

6- Neste sentido vide Souza (2003) que estudou os discursos montesclarenses sobre estas mesmas festas.

7- Neste sentido vide Lopes (2006) em seus estudos sobre a festa de Santa Rosa de Lima.

secundada por Ricardão, Hermógenes, Sô Candelário e Medeiro Vaz, que o precederam; Titão Passos e João Ganhoá ou pela modernização das relações sociais regionais, através da liderança de Zé Bebelo, que procura

democratizar a região criando escolas, fundando fábricas¹⁰, etc... e, finalmente, Riobaldo, o herói-cavaleiro que, após a morte de Joca Ramiro e o desmascaramento do projeto pessoal de Zé Bebelo, que era aliado das lideranças governamentais, viabiliza a realização de uma costura entre os grupos locais diferenciados, aproximando-os e propiciando o surgimento da unidade regional¹¹. Outros discursos literários foram construídos sobre a região, como Mig.o de Darcy Ribeiro (1988), Jagunços e Coronéis de Amelina Chaves (1997), Maria Clara de Nazinha Coutinho (1978) e outros, mas nenhum com uma visão abrangente da realidade regional como feito em Grande Sertão: Veredas, que trouxe à cena a identidade do sertão norte mineiro, embora o autor tenha em mente a nação e não a região.

Um outro simbolismo tem contribuído para enunciar a singularidade cultural e a identidade regional, ao mesmo tempo em que a afirma e a expressa, que é o cancionero. Este, ao ser veiculado pelas diversas rádios locais e de abrangência regional, embebe-se em cosmovisões distintas e vinculadas a cada uma das populações tradicionais existentes no território regional, histórias e estórias existentes nas diversas cidades do território norte mineiro. O cancionero, devido à difusão da mídia regional, é consumido em todos os quadrantes da região, ao mesmo tempo em que reafirma e que atualiza a comunidade imaginada regional, como argumentado por Anderson (1989). As músicas do Grupo Raízes abriram uma senda no cenário nacional sobre a musicalidade local e propiciou torná-la conhecida para além das fronteiras regional e estadual. Caminho semelhante percorreu o Grupo Agreste, os cantores Marcelo Godoy, Washington Brasileiro, Teo Azevedo, Zé Coco do Riachão e muitos outros. A música popular anônima e tradicional, transformada pelos grupos de serestas, que se constituíram, na região, a partir do Grupo de Seresta João Chaves, cujo pout-pourr sertanejo, adaptado para outras cidades, por seus grupos de cantores, também faz parte da memória musical norte-mineira. Dentre elas, a que abre o desfile de canções anônimas afirma que

tocando a boiada, uêuê boi, deixei Minas Gerais, uêuê boi!

Gente que terra é esta! Gente que terra é esta!

Terra de grande alegria! Terra de grande beleza!

Se o primeiro verso foi tirado de uma canção popular nacional, o segundo é de autoria norte mineira e em seu conjunto afirma, e todos os norte mineiros cantam, que para se estar em sua terra natal, que é de alegria e de beleza, faz-se necessário sair de Minas Gerais, enquanto se conduz a boiada pelas estradas que adentram o sertão norte mineiro.

Outro aspecto que tem contribuído para a reafirmação da comunidade imaginada é o campeonato de futebol de salão organizado por uma empresa regional de televisão, com o apoio do Serviço Social do Comércio, de Instituições do Ensino Superior, como a Unimontes e a Funorte, por seus cursos de educação física e outras empresas da vida regional. Durante a realização do referido campeonato, empresas de rádio e a televisão regional veiculam noticiários específicos sobre o andamento do mesmo e transmitem alguns jogos que possibilitam às pessoas das cidades regionais experimentarem o compartilhamento de serem parte de uma comunidade, apesar do confronto entre times formados em cidades diferenciadas. Estruturado em uma hierarquia de sedes micro-regionais, as aberturas e a final agregam em cidades importantes da vida regional centenas de jovens que enunciam seu orgulho de serem de suas localidades, mas, principalmente, de pertencerem à comunidade norte mineira.

Há outros aspectos que poderiam ser acionados para a construção de um discurso que evidencia a formação de uma comunidade imaginada regional, como as peregrinações ao Senhor do Bonfim em Bocaiúva; a Santo Antônio, em Serra das Araras; a São João, em São João das Missões; à Senhora da Saúde, em Jacaré Grande e; até mesmo, ao Senhor Bom Jesus na Lapa, embora essa peregrinação esteja na Bahia. Há, também, a polarização que a cidade de Montes Claros passou a realizar a partir de meados do século XX, após a vinculação regional à área de atuação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste e outras, que não tratarei aqui.

Desses aspectos acima referenciados, a literatura, o cancionero e o campeonato regional de futebol de salão, é constituída uma rede de textualidade que tem possibilitado tornar comum não um campo lingüístico, mas os conteúdos culturais transformados em fronteiras, ou seja, sinais ou signos manifestos que os atores consideram como significativos e que são exibidos para a identificação individual ou coletiva por meio da qual se julga a sua atuação, naquela perspectiva discutida por Barth (1969). Em Schettino (1995) há uma abordagem, textualizada como paisagens que compõem o cenário etnográfico em que os atores

8- Esse o argumento construído em sala por Rita Laura Segatto e já referenciado.

sertanejos tecem a trama que resultou na construção do sertão norte mineiro, ou seja, as paisagens naturais, sociais, materiais e antropológica que articuladas, constituíram uma cultura forte, assentada em bases pastoris com vínculos municipais, mas aberta para a regionalidade devido aos fluxos de grupamentos humanos se deslocando no interior do território regional pelas tramas da rede de parentesco, pela busca de contato com o santo protetor, pela participação em campeonato de futebol de salão, pelo turismo tradicional em que as pessoas, navegando nas tramas das relações vividas, passeiam pelas cidades norte mineiras. Há, também, as bases vinculadas à organização política e regional e a violência, ao nível das relações sociais, em que os mais pobres, quando da mercantilização da terra foram expulsos de suas terras, por bandos de homens armados e onde se instalaram fazendas latifundiárias e grandes áreas florestadas com espécies exóticas. E, ainda, pela cordialidade e hospitalidade para com os estrangeiros cuja denominação, chegada, evidencia uma abertura regional para o outro. Por último, pelos usos e costumes, pela comida diferenciada e pelos ritos construídos a partir do criatório de gado e da relação com o ambiente natural, pelos fazeres e cantares mesclados pelas ascendências indígena, africana e europeia (COSTA, 1997 e 2006a).

Mas o mais fronteiro de todos os aspectos culturais regionais é o idioleto local, vítima de um preconceito sociolinguístico, conforme discute Rodrigues (2006) ao cotejar o falar regional com o falar do personagem ficcional Riobaldo, construído por João Guimarães Rosa. Todo norte mineiro que tenha saído de sua terra natal para uma outra área do estado de Minas Gerais conhece o preconceito sociolinguístico de onde deriva a discriminação e a estigmatização do falar regional. Quando se começa conversações com quem não é conhecido, imediatamente se é perguntado: “você é baiano?”. E quando se diz que se é do norte de Minas ou norte mineiro, imediatamente se é discriminado pejorativamente com o clássico slogan: “ah, você é baiano”, ou “você é baiano cansado”. Mas apesar da ofensa posta na forma como os norte mineiros são identificados, através de uma estigmatização do falar, isso é levado como uma brincadeira, porque o sentimento de amor ao Norte de Minas é maior do que qualquer ofensa que por ventura se faça a qualquer norte mineiro. Esse orgulho é uma fonte de aversão que os outros têm porque por meio dele é expressa a consciência da diferença ao se nomear norte mineiros, um sujeito singular, específico e ansiando vir à luz como um sujeito nacional.

Diversos desses conteúdos culturais, que atualmente fazem parte do imaginário intraregional, têm sua origem em alguma pequena localidade ou recobre uma pequena área micro-regional que passou a ser conhecida regionalmente,

após a migração, muitas vezes forçada, de número significativo da população regional para a cidade de Montes Claros, em consequência do processo de concentração das propriedades fundiárias com a modernização das relações de produção. Montes Claros contém em si, atualmente, uma síntese da população e da cultura norte mineira, além do que, diariamente dezenas de milhares de pessoas a ela acorrem para acesso aos mais variados serviços, sejam educacionais, de saúde ou vinculados ao comércio. Outras cidades regionais como Januária, Pirapora, Janaúba e Salinas, em menor proporção que Montes Claros, também realizam esse processo de liquidificar os conteúdos culturais regionais e amplificá-los para conhecimento regional.

Desde os anos de 1960 e de 1970 as maiores cidades regionais sofreram um aumento populacional expressivo. Montes Claros teve, em duas décadas, quintuplicada a sua população devido ao êxodo rural verificado no período. Originários de pequenas cidades ou de áreas rurais de todos os quadrantes do território regional, a população que nela passou a viver processou um encontro de informações sobre a realidade regional e o fortalecimento do sentimento de compartilhamento de uma mesma identidade. Se se fizer um cruzamento da naturalidade da população com sua localização nas malhas urbanas é possível afirmar que a escolha do local de residência foi determinada pela proximidade da via de penetração que conduz ao centro com a saída para a cidade de origem de cada grupo familiar. O principal centro urbano é síntese propiciadora da unidade ao abranger a totalidade regional em um único espaço.

Como estudado por Durham (1984), nos deslocamentos migratórios internos a população que demandou a cidade não cortou definitivamente os laços com o campo. A família cindida em duas partes, uma vivendo na cidade e outra em uma localidade rural, constituiu uma rede entre a cidade e o campo, propiciando a transferência de renda e de mão-de-obra de um local para outro até toda a família fixar residência na cidade. Entretanto, conforme evidenciam os estudos de Fernandes (2006), no caso regional o estabelecimento dessa rede se verifica muito mais pela transferência de parte da parte da parentela, que busca na cidade novas formas de reprodução da unidade familiar através do emprego urbano. Dessa forma, cada família localizada na zona rural contribui para que parte da família possa estar situada no espaço urbano. Ao estudar as estratégias de territorialidade rural-urbano, a partir da feira do Major Prates, esse estudioso da vida regional afirma que

as articulações entre o rural e o urbano, signos sociais que a teoria social situava como antagônicos, em que o pólo inferior tendia ao desaparecimento, são

9- Para ampliar essa leitura vide Costa (2002) e Costa e Outros (2005).

relativizados e dispostos numa teia de significados de uma ordem social, cindida entre práticas e simbologias distintas. Obviamente que são sentidos e manuseados em graus relativos pelas diferentes populações tradicionais (situadas) na fronteira entre estruturas sociais adversas. Estando nesse ponto eles expandem seus domínios e experimentam o que é inédito como uma maneira de perpetuarem seu modo peculiar de viver no mundo (Fernandes, 2006: 82, grifos no original).

Com a constituição e a atualização constante dessa rede de relações, através dela transitam não só bens materiais propiciadores da reprodução familiar, mas também saberes disseminados na urbe, contribuindo para o fortalecimento da consciência regional sobre si mesma. A constituição de uma comunidade intelectual dedicada à pesquisa tendo como objeto a realidade regional também tem contribuído para alçar essa consciência regional a outros patamares de entendimento de sua realidade antropológica, sociológica, econômica e política. Esses estudos têm contribuído para fundamentar um posicionamento mais crítico do sujeito regional frente a outras regiões e mesmo a outras instâncias de poder.

A cidade de Montes Claros, quando focalizada a questão da identidade regional pode ser compreendida no sentido dado por Bhabha como “um espaço heterogêneo de identificações emergentes e novos movimentos sociais e de disseminação transnacional”¹² (1990: 320). Essa é uma realidade recorrente nos grandes centros urbanos mundiais. Entretanto, a disseminação verificada na principal cidade norte mineira é de nível regional, mesmo com a presença de estrangeiros com diversas nacionalidades vivendo sua vida cotidiana.

Novos saberes constituidores do sentimento de pertencimento a essa comunidade regional, imaginada, têm sido viabilizados pela imprensa, principalmente a televisiva e a falada, que têm papéis facilitadores do trânsito desses saberes gerados nos mais diversos espaços da vida intelectual, artística, cultural, política e social regional.

O esvaziamento das gentes na teoria e a concretude das gentes na identidade regional

Na constituição de uma nação, tendo a França como arquétipo, há a necessidade do apagamento das gentes para a constituição de um povo. Nesse sentido, Balibar (1989) compreende que são construídas estratégias para a produção de um povo por um grupo de elite através de aparelhos de estado. Dominados pela elite, esses aparelhos propiciam a criação da entidade nacional como uma construção ideológica e o povo como uma “etnicidade imaginária” pela subordinação das etnias e das populações. Para esse autor,

nenhuma nação possui uma base naturalmente étnica, mas como formações sociais são nacionalizadas, as populações nelas incluídas, divididas entre elas ou dominadas por elas são etnicizadas – isto é, representadas no passado ou no futuro como se elas formassem uma comunidade natural, possuindo delas uma identidade de origem, cultura e interesses que transcendem condições individuais e sociais (BALIBAR, 1989: 96, grifos no original).

Em sua discussão, o mesmo autor afirma que a etnicidade imaginária não é idêntica à nação ideal, mas que ela é indispensável para que a nação seja construída. Sem essa etnicidade imaginária a nação seria apenas uma idéia ou abstração arbitrária. Essa etnicidade construída pelos aparelhos de estado exprime uma unidade pré-existente para ser vista no Estado, e continuamente para avaliar o Estado contra sua “missão histórica” no serviço à nação. Essa mesma construção imaginária propicia idealizar políticas que produzam no indivíduo, em nome da coletividade da qual é um átomo, o sentido de pertencimento. A naturalização do pertencimento e sublimação da nação ideal constitui, pois, dois aspectos do mesmo processo de construção da etnicidade imaginária e da nação imaginada.

As políticas públicas desenvolvidas pelas agências de estado foram eficazes em desarticular um modo de organização sócio-econômica e desagregar, mas não apagar, as diversas culturas constituintes da realidade regional, mas não tiveram a eficácia para conter as diversidades de racionalidades e de modos de vida que fluem pelas margens como liminaridades da identidade regional, como sói ser as populações tradicionais existentes, ou seja, os veredeiros (Costa e outros, 2005), os vazanteiros (Oliveira, 2005), os geraizeiros (Dayrell, 1998), os caatingueiros (D’Angelis, 2005), os quilombolas (D’Angelis e outros, 2003), e os indígenas (Oliveira, 2005). Se esses grupos sociais são

10-Em conversa pessoal Marcos Fábio de Oliveira informou, a partir de estudos que vem desenvolvendo, que no início do século XX havia no norte de Minas trinta e seis fábricas, evidenciando o início de uma estruturação produtiva moderna e toda ela implantada por famílias e sem o apoio estatal como sói

ocorrer na região aurífera.

11-Starling (1999) faz uma outra discussão sobre as lideranças políticas em Grande Sertão: Veredas e Bolle (2004) faz uma leitura da articulação, em Riobaldo, de uma nova ordem social para o país.

liminares ao sistema econômico, através de redes familiares e da articulação em pequenas cooperativas essas populações se colocam no campo e na cidade, produzem e reproduzem uma organização produtiva baseada na reciprocidade e solidariedade e contribuem para a reafirmação da singularidade da identidade regional como uma realidade multicultural, construída sobre diferenças culturais recorrentes na hodiernidade regional.

O sentido de pertencimento à região é construído a partir de relações vividas em espaços e por processos que nasceram da atuação de indivíduos que marcaram a vida de uma localidade. Os fluxos relacionais vinculam parentes a outros parentes distanciados no território regional, fiéis a seus santos protetores nos centros de peregrinação, ouvintes e cantores nas rodas de cantigas e nas serestas, jogadores de futebol de salão nos campos de futebol, dentre outros fluxos. É vivendo que os norte mineiros sabem que compartilham um *modus vivendi* próprio, que é refletido na maneira de se comunicarem; na linguagem, pela diferença de sotaque e por expressões regionais; nos simbolismos tirados de sua conduta rude, solidária e cordial oposta à conduta polida, contida e individualista do homem que lhe é seu contraponto, o mineiro. Nesse sentido, um memorialista regional afirmava a diferença por meio de uma

Minas de homens soturnos, fechados, silenciosos, [que] é diferente da Minas baiana de homens palradores, comunicativos. Minas das chapadas estéreis a perder de vista, amplos horizontes, onde o homem corre e o pensamento voa (TEIXEIRA, 1975: 85).

Quanto à subordinação das populações regionais a uma “etnicidade imaginária” pelas agências de estado para a criação de uma região ideal, pode-se perceber uma dupla realidade subjacente a essa questão. Enquanto se buscou criar uma mineiridade ideal, inclusive com o beneplácito e o apoio das elites regionais, principalmente os escritores regionais que foram contemporâneos, quando estudavam em Belo Horizonte, dos criadores da ideologia da mineiridade, conforme procurei discutir em minha tese de doutoramento (Costa, 2003), a aproximação da elite política aos governantes para a utilização das benesses decorrentes das alianças construídas contribuiu para a construção ideologizada da figura do sertanejo, que eles não eram¹³, como símbolo da região ideal que eles constroem em sintonia com a mineiridade ideal erigida por intelectuais, políticos e artistas vivendo na capital estadual. A etnicidade imaginária construída nessa perspectiva faz do sertanejo um sujeito pobre, até mesmo miserável, e as elites se colocam frente ao mineiro como o primo pobre que, de pires na mão, deve ser ajudado de modo privilegiado. Negam, assim, toda a realidade regional, tanto do ponto de vista produtivo e

cultural, quanto político e social.

Por outro lado, como já afirmado anteriormente, é no fluxo relacional interno que as diversas populações que compõem o cenário humano regional constroem seus sentidos de pertencimento ao norte de Minas. Quando saberes sobre o passado regional são disponibilizados, eles apenas contribuem para fortalecer o sentimento de ser parte de uma realidade única.

Nesse sentido, a constituição de uma Universidade dedicada à pesquisa sobre a realidade regional, mas ao mesmo tempo dedicada à extensão e ao ensino, tem contribuído para a disseminação do conhecimento produzido por seus professores em suas dissertações de mestrado e suas teses de doutoramento que tiveram como objeto de estudo diversos aspectos da vida regional. Os produtos dos estudos vão sendo incorporados ao saber acadêmico transmitido por seus educadores, que o repassam aos seus estudantes em escolas de ensino fundamental e médio, até mesmo em outras instituições de ensino superior existentes na região. Vindos dos mais diversos municípios norte mineiros, membros das classes médias e das elites locais têm estado em contato com esse conhecimento produzido. Entretanto, dada a necessidade de qualificação em nível de graduação dos professores municipais, as administrações locais têm viabilizado a instituição de cursos normais superiores com a participação dos professores mestres e doutores da mesma universidade regional. Por meio dessa reciclagem, o conhecimento sobre a realidade regional que antes se restringia à elite e às classes mais abastadas, atualmente chega aos professores das zonas rurais de qualquer município, mas muito do conhecimento desses mesmos professores sobre a realidade local passa a ser disseminado como saber acadêmico depois de processado em estudos e pesquisas. Dessa forma, um outro saber sobre o passado e o presente regional tem contribuído para reafirmar a identidade norte mineira e produzir, em um outro nível, a unidade regional.

Abordando a idéia de nação desde sua condição de sujeito que vivenciou a experiência da diáspora e ao chegar na capital do império britânico não reconhecer sua imagem de indiano estampada em um símbolo da nação, ou seja, a bandeira, Homi Bhabha (1990) realiza uma desconstrução do discurso nacional para compreender seu sofrimento ao não se ver contido no simbolismo do império. Para tanto, esse autor se utiliza de textos literários para realizar com os autores escolhidos uma leitura do pensamento das elites. Seu objetivo principal é apreender o lócus do poder e a sua ação, cuja eficácia influencia os sujeitos e constrói uma subjetividade nacional. Sendo a nação resultante do ideário de elites, o autor aponta para a falta de concretude na nação.

12-Atentar para a articulação que o autor faz entre disseminar e nação.

Nos discursos nacionais há o mascaramento de sua incompletude, derivando daí um imenso vazio. Para este autor, nada há na nação, não há sujeitos reais, mas imaginários, como na perspectiva da etnicidade imaginária de Balibar (1989).

Ampliando a possibilidade de compreensão desse vazio de sujeitos reais, Bhabha (1990) faz uma discussão da leitura freudiana sobre a emergência do sujeito. Para tanto, necessita desideologizá-la de seu contexto e de suas metáforas vinculadas ao triângulo familiar e levar a discussão para a questão da experiência da nação que emerge como um sujeito nacional. No processo de emergência deste sujeito pelo estranhamento e pelo estado de medo com relação à experiência de indiferenciação, ocorre o surgimento de um duplo, de um ser cindido entre dois mundos. Essa dualidade nascida da experiência do vazio do seu próprio ser, conduz a nação para um processo especular em que se mira e se constrói e assim, procura a sua completude que não está fora de si, mas internalizada em si mesma.

Em sua construção, a nação possui duas dimensões vinculadas à cisão do ser. Por um lado, uma dimensão performática decorrente da repetição de gestos, inventando suas tradições, de linguagem em que as pessoas compartilham de sua experiência de nação. Por outro lado, a nação possui uma dimensão pedagógica, em que é narrado o que é a sua narrativa como nação. Essa narrativa construída pelas elites é sempre ideológica. Na articulação dessas duas dimensões, a nação é o que é em um constante voltar ao momento original, ou seja, ao seu momento de emergência, sempre sendo e executando o seu projeto de ser.

No cotejamento do pensamento do autor com a idéia de surgimento de uma região como uma consciência, fica escancarada a falta de concretude de uma narrativa nacional. Ao discutir o lugar do norte de Minas em Minas Gerais, notadamente em sua ideologia e mitologia da mineiridade, é possível afirmar que o sujeito vivendo nas fronteiras dessa construção narrativa, ao se colocar com sua consciência de ser outro, desessencializa o objeto ideologizado e escancara o seu abismo interno. Nesse movimento, a narrativa se fragmenta e é esvaziada de si mesma. Ela fica sem concretude, como um mero retrato na parede.

Como venho argumentando a existência de uma trama e de fluxos relacionais de diversas ordens na vivência dos sujeitos que em suas diferenças constituem os norte

mineiros desde a origem dessa formação social, historicamente datada, a idéia dessa região expõe sua concretude. A ausência de um discurso "nacional" sobre o norte de Minas, que seja compartilhado por todas as camadas da população regional e por suas diversas elites, seja política, social, econômica, intelectual ou cultural evidencia a existência de um sujeito norte mineiro vazio.

Cabe lembrar as ordens dos fluxos relacionais que constroem tramas nas redes sociais vividas pelas diversas populações norte mineiras. Há, na ordem do sagrado, redes de relações construídas pelas populações nas peregrinações realizadas anualmente para diversas localidades no território regional. Apesar do caráter ambíguo desses fluxos, ao mesmo tempo sagrado e profano, há peregrinações a lugares santificados na historicidade regional como Bocaiúva, Serra das Araras, Grão Mogol, Serra Nova, Serra Branca e Jacaré Grande¹⁴, dentre outros. Mas, há, também, peregrinações como eventos profanos constituídos mais recentemente e realizadas durante carnavais, micaretas ou festas municipais, festas juninas, feiras, exposições e vaquejadas. Nessas peregrinações profanas um número bastante significativo de pessoas se desloca para as localidades onde ocorrem, no intuito do entreterimento. Nesses momentos os "romeiros", tanto profanos quanto sagrados, experienciam o compartilhamento da comunhão de uma comunidade regional.

Mas há a grande peregrinação realizada pela população, não enquanto atividade de grupos sociais, mas de indivíduos isoladamente, cuja dimensão é abrangente. Essas peregrinações propiciam afirmar a concretude dos sujeitos regionais ao articular, pelas redes familiares, localidades rurais com cidades, mediando necessidades materiais e novos saberes. Nas tramas dessa rede de relações, diversamente da nação, como postulado por Bhabha (1990), a região preenche o seu vazio pelas andanças das populações vivendo no território regional.

Considerações finais

Cotejar a realidade identitária norte mineira às percepções de nação em Anderson, Balibar e Bhabha propiciou evidenciar, por um lado, que a comunidade regional imaginada não se constrói, apenas, a partir da literatura ou da existência de uma mídia regional veiculadora de discursos, conteúdos culturais e atividades articuladoras de redes de textualidades que tornam propício saber-se partícipe de

13-Um exemplo mais recente dessa estratégia de construção de uma etnicidade imaginária é realizada em Janaúba onde a população negra, reconhecida como gurutubana, foi alçada a símbolo do povo local. Entretanto, a elite que realiza esta construção ocupou, no processo histórico, as terras que pertenciam a essa mesma população negra que hoje reside nas

periferias das cidades do entorno do território ancestral ou que se encontram encurraladas entre fazendas vivendo uma situação de miséria que contribuiu para colocar alguns dos municípios da micro-região da Serra Geral com os piores Índices de Desenvolvimento Humano do país.

uma realidade comum. A comunidade regional imaginada é construção histórica das populações que em seus fluxos relacionais nas tramas que vinculam localidades rurais e localidades urbanas viabilizam a produção e a reprodução do sentido de pertencimento a uma realidade social, cultural e política mais ampla que uma localidade, ou seja, o norte de Minas. Nesses fluxos relacionais, além da reprodução familiar, há a transmissão de saberes, dentre eles, o de que o sujeito norte mineiro e sertanejo é plural e que as populações vivem realidades culturais diferenciadas e não uma construção discursiva que o faz uno. Apesar do discurso das elites de que o sertanejo é um pobre.

Por outro lado, os aparelhos estatais que se instalaram no território regional passaram a veicular o discurso da pobreza construído pelas elites locais e norte mineiras, que além de afirmarem a existência de uma unidade e de uma identidade específica para a região, favorecem a apropriação das benesses estatais a partir das alianças de sustentação aos governos estaduais. Esse discurso da pobreza tem sido transmitido tanto pela mídia quanto pela classe média e elites regionais, mas é esvaziado de si, porque o sujeito “pobre” não emerge na realidade regional. Ele é, apenas, um discurso.

Contra-pondo-se ao discurso das elites, as vivências das populações norte mineiras evidenciam a existência de identidades regionais distintas. Enquanto uma se projeta pelo discurso, a outra se concretiza pela vivência das populações em todo o território regional. Nos fluxos relacionais das populações, a concretude regional consolidada os sujeitos norte mineiros em uma identidade singular, nem mineira e nem baiana, são possuidores de culturas próprias e diferenciadas.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Benedict. Nação e consciência nacional. São Paulo: Ática, 1989.

ANJOS, Cyro. “Viagem à Jaíba”. In: - Explorações no Tempo – Memórias. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963, p. 212-218.

BALIBAR, Etienne e WALLERSTEIN, Immanuel. Race, Nation, Class: Ambiguous Identities. New York: Routledge, 1989.

BARTH, Fredrik. Ethnic Groups and Boundaries: The Social Organization of Culture Difference. London: George Allen & Unwin, 1969.

BHABHA, Homi K. Nation and Narration. London: Routledge, 1990.

BOLLE, Willi. Grande Sertão. Br: A Invenção do Brasil. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004.

CARDOSO, José Maria Alves. A Região Norte de Minas: um estudo da dinâmica de suas transformações espaciais. Recife: UFPE, 1996 (Dissertação de Mestrado).

CARNEIRO, Geralda Vânia N. F. B e et al. Ecossistemas Grande Sertão: Veredas – As transformações culturais e a destruição ambiental no norte de Minas. Montes Claros: Grupo de Estudos e Ação Ambiental, 1992 (mimeo).

CHAVES, Amelina. Jagunços e Coronéis. Belo Horizonte: Cuatira; Montes Claros: Oficina das Letras, 1997. Volume 15.

COSTA, João Batista de Almeida. “Cultura sertaneja: a conjugação de lógicas diferenciadas”. In: Santos, G. R. dos (Org.) Trabalho, Cultura e Sociedade no Norte/Nordeste de Minas. Considerações a partir das Ciências Sociais. Montes Claros: Best Comunicação e Marketing, 1997, p. 77-98.

_____. “Sentir-se Norte Mineiro, as raízes de nossa regionalidade”. Opinião, Montes Claros (MG), p. 04, 07 out. 2002.

_____. Mineiros e Baianeiros: Englobamento, Exclusão e Resistência. Brasília: Universidade de Brasília, 2003 (Tese de Doutorado).

_____. “Cultura, Natureza e Populações Tradicionais: O norte de Minas como síntese da nação brasileira”. Revista Verde Grande, Montes Claros, v. 1, n. 3, p. 8-48, 2006 a.

_____. “O jogo de espelhos da memória e da historiografia: as origens da ocupação e povoamento do norte de Minas”. Humanidades, Montes Claros, v. 1, n. 1, p. 35-50, 2006 b.

_____. COSTA, João Batista de Almeida. “Movimento Catrumano: o norte de Minas como berço de Minas Gerais”. Revista Verde Grande, Montes Claros, V. 4, p. 17-28, 2007 (no prelo).

COSTA, João Batista de Almeida e Outros. Os Guardiões

14-Vide o estudo de Fonseca (2006) sobre a romaria que vincula um grande contingente populacional, principalmente a população negra da região do rio Gurutuba, que se direciona

para a localidade de Jacaré Grande, no município de Janaúba, para atualizar suas relações com a Senhora da Saúde.

- das Veredas do Grande Sertão: A população tradicional veredeira do Assentamento São Francisco e Gentio, o Parque Nacional Grande Sertão Veredas e o Inventário das Referências Culturais. Brasília: Funatura; IPHAN, 2005 (mimeo).
- COUTINHO, Nazinha. Maria Clara. Rio de Janeiro: 2 Irmãos, 1978.
- D'ANGELIS FILHO, João Silveira. Políticas locais para o des-envolvimento local no norte de Minas: uma análise das articulações local e supra local. Temuco: Chile, 2005 (Dissertação de Mestrado).
- D'ANGELIS FILHO, João Silveira e Outros. Gurutubanos: O ambiente e a produção no Vale do Gurutuba. Montes Claros: Centro de Agricultura Alternativa, 2003 (mimeo).
- DAYRELL, Carlos Alberto. Geraizeiros y Biodiversidad en el Norte de Minas Gerais: La contribución de la agroecología y de la etnoecología en los estudios de los agroecosistemas. Andalucía: Universidad Internacional de Andalucía, 1998 (Dissertação de Mestrado).
- DIEGUES JÚNIOR, Manuel. Regiões Culturais do Brasil. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais; Ministério da Educação e Cultura, 1960.
- DUMONT, Louis. Homo Hierarchicus: O sistema de castas e suas implicações. São Paulo: EDUSP, 1992.
- DURHAM, Eunice R. A caminho da cidade. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1984. Debates, volume 77.
- FERNANDES, Daniel Mendes. O Estar-no-entre-meio na Feira do Major Prates e outros espaços sociais: Uma etnografia sobre as estratégias de territorialidade de populações rurais em Montes Claros. Montes Claros: Unimontes, 2006 (Monografia de graduação).
- FONSECA, Kátia Geralda Pascoal. Senhora da Saúde em Jacaré Grande: Romaria, Tensões e Conflitos no campo religioso local. Montes Claros: Unimontes, 2006 (Monografia de graduação).
- GUIMARÃES ROSA, João. Grande Sertão: Veredas. 36. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- LISBOA, Abdênago e LISBOA, Apolo H. Octaciliada. Uma Odisséia no norte de Minas. Belo Horizonte: Cannã, 1992.
- LOPES, Camilo Antônio Silva. A Festa de Santa Rosa de Lima: Territorializações, Religiosidade, clivagens sociais e coesão social no simbolismo ritual. Montes Claros: Unimontes, 2006 (Monografia de graduação).
- MATA MACHADO, Bernardo. História do Sertão Noroeste de Minas Gerais: 1690-1930. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1991.
- NORA, Pierre (org). Les Lieux de Mémoire. Paris: Gallimard, 1997. 3 volumes.
- OLIVEIRA, Alessandro Roberto de. A Luta Política é uma coisa, a Indígena é a História do Povo: Identidade étnica e fronteiras cambiantes entre os índios Xakriabá e a Sociedade Regional. Montes Claros: Unimontes, 2004 (Monografia de graduação).
- OLIVEIRA, Cláudia Luz de. Vazanteiros do rio São Francisco: um estudo sobre populações tradicionais e territorialidade no norte de Minas. Belo Horizonte: UFMG, 2005 (Dissertação de Mestrado).
- PEREIRA DE QUEIRÓZ, Maria Isaura. O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.
- RIBEIRO, Darcy. Migo. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- _____. O Povo Brasileiro. A formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- RODRIGUES, Catarina da Conceição. Trilhas de Riobaldo: fricções identitárias entre o real e o imaginário. Montes Claros: Unimontes, 2006. (Dissertação de Mestrado).
- SCHETTINO, Marco Paulo Frões. Espaços do Sertão. Brasília: Universidade de Brasília, 1995 (Dissertação de Mestrado).
- SOUZA, Fabiano José Alves de. A festa dos catopês: Descortinando cenários discursivos. Belo Horizonte: UFMG, 2003 (Dissertação de Mestrado).
- STARLING, Heloisa Maria Murgel. Lembranças do Brasil: Teoria, Política, História e Ficção em Grande Sertão Veredas. Rio de Janeiro: Revan: UCAM, IUPERJ, 1999.
- TEIXEIRA, Antônio Augusto. Um caso antes do noventa. Belo Horizonte: O Lutador, 1975.







NOITES DO SERTÃO

A 2ª Expedição Caminho dos Gerais, organizada pela Secretaria do Meio-Ambiente de Montes Claros e pelo IEF, está pronta para deixar Cordisburgo.

Uma sessão de discursos acentuará os objetivos.

Todos ouvem com atenção no quintal da casa de Guimarães Rosa, que hoje é o seu museu.

O abacateiro do menino Joãozito, solene e discreto, reitoria o quintal e a vida, e ouve também.

(Parece murmurar que nada daquilo seria se não fosse o menino que brincou à sua sombra, nos anos primeiros do século XX, passado.

Eram íntimos; seguem íntimos.)

De todos ali, palreadores, é justamente ele, abacateiro mudo, quem mais conhece Joãozito. Mais até que a prima médica, que entre os discursos é a família Rosa.

Joãozito - que de ouvir casos de boiadeiros virou um deles, fez-se diplomata, pôs gravata borboleta e girou o mundo, sem despregar os olhos do quintal onde estamos - embora voltasse pouco, de corpo presente. A alma mesmo, a alma nunca partiu.

Enquanto falam os que têm a dizer, entremos na sua casa - o museu.

Era a casa de morada e venda de "seu Fulô", o pai de Guimarães.

Venda, tosco armazém de secos e molhados, tendo na frente a estação de trem, onde vinha boi, vinha boiada.

Debaixo do balcão da venda, no cômodo dianteiro, um menino, enrodilhado e oculto, ouvia tudo.

Quando não estava debaixo do balcão, ouvindo, estava no "quarto-escuro", contíguo ao do pai e da bisavó Chiquinha,

lendo...lendo...lendo...lendo.

Eternamente com os livros, no quarto escuro, que era depósito da casa, e da venda.

O quarto-escuro gestou o maior escritor do Brasil.

Ao lado, quase de frente, hoje dorme no quarto dos pais (onde nasceu Guimarães) a cama que era a sua.

Tem por guarda um penico-mijadeiro, aos costumes, e na frente, encerrados num armário - esperando o dono, quem sabe, a sua maleta de médico, o terno preto de embaixador e a inseparável gravata borboleta. Também os sapatos marrons aguardam, no amplo silêncio.

No quarto minúsculo que foi da avó Chiquinha e seus mistérios, estão os pertences do escritor.

A escrivanhinha, a máquina de escrever, a escultura em bronze da vaca que dá o peito à cria. E fotos, muitas fotos.

Na parede, o pôster reproduz a biblioteca imediata, ao alcance da mão.

Que livro é este, muito próximo do exemplar do Grande Sertão?

É um livro de Montes Claros (a que lhe deve paixão). "A Montanha", de Cyro dos Anjos.

Não o livro mais famoso, ele que foi apontado como sucessor de Machado de Assis, sua reencarnação literária.

Os dois - da Academia, nascidos no mesmo Norte de Minas, na mesma época, no Sertão, e de destinos não dessemelhantes.

Deixemos a sala, e, nela, o olhar severo e claro do retrato de "seu Fulô", que sobregoverna a casa e nela o menino.

O fogão, velho de aparência, não é o mesmo daqueles dias. O fogo é.

O candeeiro, o tacho de cobre e o pilão lhe fazem companhia saudosa.

Ali mesmo, o tabuleiro de xadrez de Joãozinho, seu canivete, seu jogo de penas, a cadeira de balanço.

Não longe, na parede, envidraçado, austera-se o diploma de "membro efetivo" da Academia Brasileira de Letras – até meio sem graça diante do tamanho que o menino tomou no mundo, muito além do que podia autorizar o papelucho ora amarelecido.

Trecho do discurso de posse na Academia na parede precisa, com urgência, ser ampliado, ficar vistoso e falante, antes que alguém o ignore e proponha trocar o nome de Cordisburgo – o burgo do coração – pelo do escritor, que detestaria a homenagem. Detestaria.

Rosa, é notório, procurava ficar longe de reuniões sociais, festas, oba-oba, e nunca, nunca, falava em público, desde que pudesse. Jamais, para ser ouvido além de 5 metros.

Gostava do sertão, e do nome do burgo dado por padre culto, vindo do mosteiro de Macaúbas, perto de Santa Luzia do Rio da Velhas.

Há medalhas nesta vitrine e, no meio delas, esplendendo ouro a espada de imortal que não o livrou da morte, de repente, três dias depois de empunhá-la na sessão de posse. (Um homem pode tirar de outro a vida; nenhum lhe roubará a morte – remôo).

Aqui, nesta parede, estão as fotos do amigo Eugênio Silva, grandalhão, repórter da revista O Cruzeiro. Fotos da cavalgada que resultou no Grande Sertão, Veredas.

Detenho-me. É uma carta de Paris; está debaixo do vidro, relíquia.

Guimarães narra ao amigo Pedro, de Cordisburgo mesmo, como é a vida no final dos anos 40. Quer vir da Europa, matar saudades, descer de navio o rio das Velhas, apresentar suas "pessoas" ao rio navegável.

(Não sabe, mas na expedição que lhe segue viaja o médico Eugênio, professor de medicina na UFMG, cultíssimo, silente; o que navegou o rio de caiaque, afastando merda com o remo, e ainda assim feliz por lutar pelo que resta dos "belos rios cantantes de Minas"...))

Agora, é o balcão da venda.

Com o tampão original, genuíno.

O menino Joãozinho, até os 9 anos, está aqui debaixo, ouvindo a conversa dos homens. Depois, vai escrever tudo, sem mentira, sem inventar, recriando exato escritor-repórter do sertão. As boiadas, todas, os boiadeiros, todos, o sertão, virão aqui visitá-lo, neste balcão, menino.

O balcão tem, e exhibe: pimenta, balança, bolinha de gude, máquina registradora (da Inglaterra), conservas, cereais, balas de chupar (ocultas, as outras balas); pote, arreatas, selas, montarias, silhão para mulher, fazenda de chita, pinga-água-ardente, latão de leite, vassoura, bruaca, peneira, bacia de todo tamanho, rádio no armário, chapéu, chapéus, berrante e vinho-garração de 5 litros. E a imagem, retrato ovalado, de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Maria, Sua Mãe Santíssima.

Apitam lá fora. Buzinam.

Os jipões brancos do IEF, prontos, têm pressa.

Querem partir, ver caminhos e personagens do menino.

Prefiro ficar na companhia dele. Ad perpetuam rei memoriam, desejo ficar.

Até que tragam, de volta, no centenário de 2008, daqui a um ano e pouco, as relíquias de "seu Fulô" e de dona Chiquitinha, pai e mãe, repatriados, para descansar debaixo do abacateiro, no quintal.

Onde possam ouvir e ver o menino brincando, Joãozinho..

Ficarei; mesmo embarcando...

Foi dito. Estávamos no Museu Guimarães Rosa, em Cordisburgo, prontos para iniciar viagem em torno do genial escritor, por caminhos que ele descreveu, com precisão e capricho. Nem todos - na verdade poucos, ele conheceu pessoalmente. Mas, de estudar, e ler, e pesquisar, narrou com fidelidade.

Seguiremos por um trecho, pelas "Noites do Sertão". O desejo é ficar no museu, mas o destino chama por outra parte.

Curvelo, Tomaz Gonzaga (e sua igreja de 1732), Senhora da Glória (que belo nome!), Santo Hipólito.

Aqui, viajando de noite, na chuva, nos perderemos na sinuosa estradinha entre rochedos, a que tomou o lugar do trem de ferro do adolescente Juscelino Kubistcheck, indo e vindo para Diamantina, a caminho da presidência do Brasil.

É ermo belo, entre o Pardim e o Pardão, rios pretos de areias brancas, para se passar de dia, com solenidade, apuro, esmero.

A noite não nos desacompanha. Por sortilégios, devolve-nos – sem suspeitar – a Monjolos, duas vezes no mesmo lugar, a mesma praça. Motivo de risos e golpes de paçoça.

O casario de Diamantina; Mendanha, Couto Magalhães, Parque de São Gonçalo do Rio Preto, Araçuaí.

Araçuaí – o rio das grandes araras, a grande surpresa. Ruas limpas, cultura intacta, mercado escoreito. Terra de Pedro Agnaldo Fulgêncio, amizade nossa.

Salinas, Rubelita, Padre Carvalho e Grão Mogol. Grão Mogol com esgoto ainda escorrendo pelas ruas imperiais onde brotou diamantes, mas salva pela igreja de pedras, que a ignorância um dia rebocou e pintou.

Cristália, Botumirim, Itacambira, Juramento.

Chapada do Norte seja citada por último, destaque da viagem, onde é a Festa de Nossa Senhora dos Homens Pretos. Lugar de solidão, ascetério. (Eremitério, corrigirá padre Henrique).

No cocuruto da serra, antiga velha civilização, onde as estrelas se arrumam para a noite, Noites do Sertão. Param no céu, para os homens ouvir.

O plano era seguir adiante, sem um alto!

Mas havia, há, na rua principal, harmonias; vindas do amor, da simplicidade. Candura.

Uma banda - de jovens e crianças, e de seus pais negros. A euterpe-lira.

Ensaiaava; ensaiavam na sala singela, tortuosa.

E atrás do maestro tinha uma frase: “Nunca aponte o erro dos outros com o dedo sujo”.

A soledade, o descampado, angustia de pedra respondendo a pedra - eis que aqui a estrela visita o pântano, a pedraria. Flor de Lótus, pedra, entre pedras, sobre pedras.

(Mais de um chorou, mudo).

Sereno e candente, “vertical e esconso”, o apelo à vida do professor Célio Vale tocou o vórtice; Guimarães Rosa, ele mesmo, se levantaria.

Nem Itacambira, dependurada nas penhas que a febre de Paes Leme viu resplandecer em esmeraldas, nem sua surda, ignorada importância, produziria emoção tamanha.

Pois a Igreja de Santo Antônio, erguida pelo desbravador e agora sob atavios de 3 séculos, ou mais, de história e múmias, a que deu pia de batismo a Diadorim, homem e mulher, no resumo jagunço-fêmea, a igreja queixa-se de que está apertada por ímpias novas edificações, herege mesmo, que avançam sobre si, imprudentes.

Para ficar de pé, no zênite rigoroso, foi puxada a cabo de aço, pois o nadir a corteja e chama, fora de destino.

Pede ajuda a igreja do bandeirante.

O “violador de sertão, plantador de cidades”, ele mesmo, e

ninguém menos, a levantou – argumenta.

Mas não a salva da hora humilhante, onde flutuante-só, jaz no abandono de que sua qualidade reclama.

Se ainda for pouco o que acaba de dizer, abrirá o tampo de madeira de sua pia de batismo e apresentará, além das sagradas águas, o batistério de Maria Deadorina da Fé Bettancourt Marins, de quem muito se haverá de ouvir, séculos adiante. Batizada ali. Diadorim. Dindorim.

Esta igreja não pode cair.

A lira-euterpe há de tocar.

O pai que toca clarineta na serra, sem que o filho não lhe perca um movimento, tem de prosseguir. Para que o filho – todo filho, o veja nos olhos -, emoção que pede rebuço de quem sente e destreza de quem possa ver

Paremos; a viagem seguirá outro dia.

....

O sertão aqui revisitado, residência na terra dos jagunços de Guimarães Rosa, tem muralha chamada de Serra Geral, Serra do Espinhaço, que parte o mundo em dois. Do lado de cá, o território das boiadas, poeirento, largo, planuras irreverentes, umas seguindo as outras, para no meio delas passar o rio São Francisco.

Do outro lado, além da serraria azul, diversa dos montes claros, os Andes lá deles, com seus rios pretos. Uma civilização próxima, mas distante.

São montanhese autênticos, herdeiros dos catadores de pedras, faiscadores - de fraseado composto e limpeza, chão varrido até dar no sangue; finas gentilezas e fidalguias.

Retalhos finais, quem sabe talvez, de corte de fidalgos e criadagem que veio buscar diamante e ouro, entre rapapés e bons gestos. Sucessores e herdeiros de solenidades e lhanezas, com ritmo de falar por frase disposta, articulada, servida de respeito e comedimento. Arenga que ouvida pelos vaqueiros de cá, são demasia de frase, resumo que cabe numa só palavra – chamando solitório.

Uma terra, a mesma terra imã, mas dividida e separada por penhas e serros, penedos. Contraforte modesto na altura, mas de autoridade, pois divide e dirige rios, e os reparte para servir a quem quer. Do lado de cá, um vale inteiro para o S. Francisco; do lado de lá, outro, completo, retorcido, para o Jequitinhonha, e no meio a serraria muda para arbitrar e julgar. (E homens, jagunços, dispostos na essência iguais, mas diferentes).

Barrentos, cor de terra, os rios de cá; decididamente pretos, também nos nomes, os de lá, visíveis, mostrando fundo e peixe.

A cordilheira (anã, perto das outras, renomadas) divide também municípios, conforme as terras se debruçam para um lado e outro, por critério das "águas vertentes", capítulo das questões lindas. Francisco Sá e Bocaiúva, dois dos mais próximos, têm terras subordinadas aos dois lados, como aos dois lados encaminha seus rios-riachos.

Que eu saiba, dois rios pretos de lá têm consentimento de virem do lado de cá, despejar. O Curimatahy, nome de índio, e o rio Pardo, que desce de S. João da Chapada e avança em trechos de 120 metros de largura, no alto navegando em arcias brancas de presépio para engrossar o rio das Velhas, na altura de Augusto de Lima.

É o belo rio oculto que o Norte de Minas não conhece, desconhece; sua maior beleza natural corrente, de todos o mais bonito, pois se conserva em finura de silêncio, preservado. Os demais rios pretos, gerados na serra e nas pedras serrando sua cor de ferro, sem permissão de virem, vão para o outro lado, em procissão ao revirado Jequitinhonha para de sua ossada deixar extrair pedra de diamante.

Mesmo cidades que por fora denunciam pertencer ao Norte de Minas, examinadas na altura do coração, demonstram que por um fio oculto (que as noruegas salta) são atrelados aos valores de lá, das serranias.

Buenópolis, dissimulada, culta, finge que mora na estrada que leva e traz ao Norte de Minas, mas sua alma gentil pertence a Diamantina, desde sempre. Zelosa com o que é seu, deixa-se dormir no seio de riquezas naturais que estão entre as 10 mais importantes belezas de Minas, catalogadas por quem sabe. Sabedoria. Astúcias. Cidades, como gentes, escondem-se.

Buenópolis pouco mostra seus 20 quilômetros de água quente, termal, e o quilombo invertido, onde multiplicam-se brancos de olhos azuis, gente portuguesa que veio de Diamantina há 300 anos, quem sabe com pedra de valor na boca. Os regos servem águas nas portas e um – o da rua principal – precisa voltar logo, para que a vila dispare no turismo mineiro. As Caldas Novas de Minas.

Toda a vasta região, unida e separada pelo Espinhaço, nossos Pirineus-Urais, território dos jagunços de Guimarães Rosa, vive agora um estrondo silencioso, sem estrugir.

A barragem de Irapé, fincada numa garganta onde só se podia "ir a pé" na exploração, esta barragem, a segunda maior do Brasil em altura, já acumula altura de 180 metros de água vertical, dos 208 possíveis no limite. O mar vem depois e altera o comum do sertão, sem conserto.

Quase em segredo, sem prévia consulta, os rios começam a correr para trás.

O Ventania mesmo – belo nome que não escapou a Guimarães Rosa -, raridade em biodiversidades, já não corre para o Itacambiruçu, que o espera, ele também dando para trás. Refluem os dois, como se a terra tivesse endoidado, de volta empurrados pelo Jequitinhonha encurralado em lago.

Que impacto terá nas vidas, silvestre e humana, o rio que fiel à sua origem deixa de correr para o mar, e volta sobre si em despropósito?

Riobaldo Tatarana, Dindorim, Joça Ramiro mesmo – até os Hermógenes – talvez respondessem com tiros, bala dundum. "Quem nasce no sertão nunca sabe direito o que é o mar". E o mar "é-vem", vem.

O lago de pernas de polvo e quase-nenhum tronco pede urgente vistoria de repórter cuidadoso, olhos capazes de medir e relatar o que acontece quando, no sertão profundo, o chão deixa de ser guarda dos ermos e naufraga nas águas, agora elas as sentinelas, atalaias dos seus domínios plenos.

Em Grão Mogol, ouvi de um coordenador de IEF:

- Você já ouviu e viu um homem chorar? Um homem mesmo. Homem. De mãos duras, cara encardida, cheio de filhos, senhor de mulher doente e sincera, que não teme a morte, pois deixou de temer a vida. Já viu?

Ele mesmo responde:

- Eu Vi. Lá em Bocaiúva, eu vejo.

Chora como menino porque foi desterrado de Irapé. Chorou, e chora.

Ganhou terra, ganhou ajuda, assistência e conselho, mas não pára de chorar. Nada deste mundo, nem do outro, vai lhe consolar de ter saído, tirado do lugar onde nasceu. Não há consolo, nem prêmio. O homem chora, chora e chora. E os filhos, por verem o pai chorar, também choram continuados. É o desterro.

Você sabe o que é desterro, sentido de degredo, decreto de virar judeu errante?

(Nas fotos, o Ventania correndo para trás, engolindo sua ponte de revés; a barragem e as 3 turbinas de Irapé, que já mandam energia para dias e noites de M. Claros; e o artesanato de barro e bolinhas de gude à espera dos meninos no mercado de Salinas)

(Fotos da euterpe de Chapada do Norte e do seu gaiteiro, da igreja de Itacambira e do altar, da pia onde foi batizado Diadorim, personagem central do livro Grande Sertão Veredas)



Parque Estadual Grão Mogol



Araçuaí



Estação



Rio Ventania



Casa Rural



Neto de Manuelzão/Cordisburgo